

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Laços frágeis, labor trincado: Interação, discriminações e conflitos entre trabalhadores da Refinaria Landulfo Alves (1990-2005)

Luis Flávio Reis Godinho*

O objetivo do trabalho é analisar a terceirização na Refinaria Landulfo Alves (RLAM) da Petrobrás, situada na cidade de São Francisco do Conde na Região Metropolitana de Salvador (RMS), enquanto um processo que cria uma cisão estrutural no interior da classe trabalhadora, dificultando a organização e a luta sindical. A precarização das condições do emprego industrial, com a intensa rotatividade da força de trabalho, salários decrescentes, redução e flexibilização de direitos trabalhistas, cria uma complexa redefinição na “classe-dos-que-vivem do trabalho”. Um mosaico de classe representado pelos i) efetivos ou estáveis que fazem parte do núcleo mais protegido – mesmo em vias de redução de direitos –, ii) os de “segunda categoria”, aqueles temporários permanentes que labutam como terceirizados há cerca de 20 anos trocando de crachá e de empresa a todo momento que vence um contrato e iii) os de “terceira categoria”, que são os

* Sociólogo, Doutorando em Sociologia, Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba. Desenvolvendo Tese sobre Terceirização na Petrobrás: percepções dos trabalhadores estáveis e temporários. Sob orientação do Prof. Dr. Jacob Carlos Lima, UFSCAR/UFPB. Este artigo reúne anotações preliminares sobre a percepção de petroleiros e terceirizados sobre a Terceirização na Petrobrás e dá seguimento a um trabalho defendido, a título de Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFBA “ Um Mosaico de Classes – a Terceirização na RLAM, sob orientação da Prof.a Graça Dr.a Druck

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

temporários rotativos, trabalhadores de paradas e de contrato por tempo determinado, e iv) os de “quarta categoria”, são os terceirizados das terceiras, os trabalhadores daquelas empresas que não garantem direitos mínimos aos seus contratados. Para cumprir tal objetivo realizei entrevistas, análise de boletins e convenções coletivas, observação participante, sendo que, a intenção era procurar compreender como os trabalhadores vivenciam este processo de fragmentação e heterogeneidade que acompanha o processo de terceirização.

Apresento dados iniciais sobre a relação petroleira x terceirizada, com o intuito de problematizar como mudanças estruturais possibilitam a configuração de novos “habittus” no universo empírico analisado, sendo este, entendido como processual e fomentado pelo alto grau de estigmatização e perda de identidade de classe entre os atores envolvidos.

Estes sujeitos pesquisados tiveram suas vidas, em dimensões sócio-econômicas investigadas, a exemplo de: escolaridade, tempo de residência na RMS, tempo de procura por emprego e trabalho, rendas, ocupações formais e informais, situações de emprego, desemprego, sub-emprego, tipos de contratos de trabalho, jornada semanal, percepções sobre a terceirização, sobre a fragmentação e a heterogeneidade no interior da classe trabalhadora, etc.

Essa experiência foi fundamental para entendermos os caminhos da pesquisa social, mais especificamente, sobre relações de trabalho. O aprendizado, mais importante, foi o de que as relações subjetivas, inexoráveis, entre entrevistador e entrevistados, são importantíssimas na construção do ambiente favorável à coleta de dados, da confiança, que precisamos ganhar do entrevistado, da postura no campo, da relação pesquisa, sujeito e objeto.

Interessava-me o novo terceirizado, o envolvido diretamente nas atividades-fim da Petrobrás, ou em área de extrema vinculação com a atividade-fim da empresa, a exemplo, dos serviços de manutenção, pois, estes representavam um novo contingente, que foi se tornando

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

expressivo, de trabalhadores terceirizados no setor de petróleo a partir de meados da década de 80 do século passado.

Entrevistei caldeireiros, montadores, soldadores, inspetores de tubulação, encanadores¹ industriais, pintores industriais e seus auxiliares, para revelar quem eram esses terceirizados novos na RLAM. Qual sua identidade ocupacional, profissional, suas expectativas profissionais, suas percepções sobre o cotidiano de interação com os petroleiros, sua visão sobre o trabalho terceirizado, sua experiência com o trabalho instável, com a precarização, dentre outras situações que caracterizam o trabalho e a vida social dos sujeitos pesquisados.

No bojo da pesquisa de campo e das estratégias empregadas, lembro-me que acompanhei os trabalhadores em seu congresso e a partir de seus posicionamentos nos boletins sobre reestruturação produtiva, desemprego, terceirização, condições de trabalho, acabei construindo um importante conhecimento sobre os mesmos, sendo estes, passos fundamentais para a coleta de dados, e, para construir, o roteiro de entrevistas com os terceirizados.

Acompanhei os trabalhadores em manifestações na porta da fábrica, e, durante a paralisação na porta da Refinaria em abril de 2001, tive a oportunidade de aplicar um questionário com 30 perguntas com o objetivo de adquirir conhecimentos sobre o perfil sócio-econômico do segmento². Fazia algumas perguntas sobre: se trabalhavam na RLAM, se eram do setor de manutenção, e, então, junto com um assistente de pesquisa passava a fazer as perguntas contidas no questionário. As perguntas eram sobre: escolaridade, cor, função na fábrica, se se

¹ Recordo-me por exemplo, que os encanadores industriais, fazem questão de afirmar que não trabalham com encanações de banheiros, que são locais de passagem de dejetos humanos, e, que portanto são ocupações menos dignas, do que a de encanadores industriais. Sinais distintivos, ao caracterizar a ocupação, onde se concebe o dejetos humano como “ impuro e indigno” e os gases e líquidos, que passam, pelas encanações industriais, como sendo , menos estigmatizadores, no momento de caracterização da ocupação. Fazem questão de realçar que não trabalham com encanações de banheiros e esgotos das instalações de vestiário da fábrica.

² Em um artigo anterior de (Godinho e Druck, 2003) , fizemos análise do perfil dos segmentos analisados.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

sentiam discriminados pela Petrobrás, discriminados pelos petroleiros, sobre tempo de serviço nas empreiteiras, percepção sobre vínculo trabalhista precário, se se consideravam petroleiros, dentre outras³.

Esse rico processo nos colocou frente a frente, com a resposta que buscava: quem era o trabalhador terceirizado da área de manutenção da RLAM? Investiguei e fiz algumas descobertas interessantes: eles não se consideravam trabalhadores petroleiros, pois há uma forte representação social de que Petroleiros são empregados da Petrobrás, os terceirizados se consideram prestadores de serviço de empreiteiras, mesmo que desempenhassem ocupações que em um passado recente, fossem realizadas por empregados da Petrobrás.

Ademais, percebiam seu vínculo laboral como precário e de curta duração, se consideravam discriminados pelos petroleiros, assim como, outras descobertas foram surpreendentes, tais como: o linguajar usado no cotidiano pelos terceirizados, que revelava uma concepção crítica sobre o trabalho, sobre a resistência a ele, sobre estratégias de subversão da dominação capitalista: Chupa toda, era a empresa quarteirizada⁴; esquentar carteira, se referia a inventar ilegalmente registros de trabalho para conseguir colocação na RLAM; apresentar bombril, significava apresentar falsos atestados de saúde, com vistas à justificar faltas ao trabalho; Cair na Boca do Jacaré, era ficar desempregado; Tinha ainda o chamado sorrisal, refeição oferecida pelas empregadoras no horário de almoço, e que, segundo os trabalhadores

³ Havia, entre os participantes destas ações, uns contingentes expressivos, que se prostrava com uma certa apatia, encostados no quad rail, da pista, que leva ao trevo na entrada da Refinaria. Percebia o fato de alguns funcionários da Petrobrás tentarem intimidar e conchamar os trabalhadores terceirizados para baterem o ponto e começarem sua lida diária, em desconsideração e contraposição, ao protesto que se desenrolava, na entrada da Refinaria. Nestes protestos víamos todo aparato de uma mobilização política: carro de som, parlamentares municipais, estaduais e federais ligados ao segmento, muitos discursos, por vezes inflamados a favor das melhoras de condições laborais dos terceirizados.

⁴ Trabalhador de empresa quarteirizada é aquele que trabalha para uma empreiteira de outra empreiteira da Petrobrás, como eles têm condições de trabalho mais precárias que os terceirizados, são chamados de empregados das chupa toda, pelos terceirizados.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

fazia mal. Expressões como: Boca de ferro, o microfone; carteira branca, trabalhador sem experiência etc. Então, utilizei a idéia de estrutura-estruturante de Bourdieu, para explicar a relação entre linguagem cotidiana e estrutura social, pois:

“ (...) o conhecimento que podemos chamar praxiológico tem como objeto não somente o sistema de relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade: este conhecimento supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objetivista, quer dizer, um questionamento das condições de possibilidade e, dos limites do ponto de vista objetivo e objetivante que apreende as práticas de fora, enquanto fato acabado, em lugar de construir seu princípio gerador situando-se no próprio movimento de sua efetivação. (Bourdieu, 1983, p.47; grifos nossos)”.

A teoria da "estrutura - estruturante" de Bourdieu tem como um dos objetivos, superar a dicotomia presente nas teorias objetivistas e subjetivistas. Neste sentido, concordando com esta formulação teórica, procurei fazer uma análise que tentasse conjugar a estrutura e o sujeito, e que me permitisse compreender se a estrutura é interiorizada e auxilia na formação de uma consciência crítica sobre o trabalho, pelos sujeitos investigados. Por este motivo, durante a fase de pesquisa de campo com os trabalhadores de empreiteiras da Petrobrás, concretizei a convivência com estes informantes. Além disso, mesmo sem o gravador acionado estava sempre atento a todo o linguajar, todas as formas de enunciar sua experiência com o trabalho. Através do boletim captei muitos termos e ao entrevistar procurei saber seus significados, procurei as disposições que levavam às ações, mesmo simbólicas, que enfatizavam a visão crítica que os terceirizados tinham sobre o trabalho que exerciam, e, foi na linguagem que essa dimensão se tornou perceptível para minha análise.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Uma reflexão muito interessante se refere a uma categoria central, que se torna hegemônica na análise das entrevistas feitas com os terceirizados, qual seja: a busca de distinção⁵ em relação aos petroleiros, sendo este um processo de mão dupla.. Essas distinções percebidas ultrapassam a questão material, ou de matriz econômica (salarial, de benefícios extra-salariais), pois, aparecem também na questão da identificação profissional, nos direitos de trabalho, no status social diferenciado na fábrica, na análise dos lugares, das acomodações diferenciadas dos terceirizados e petroleiros, nos direitos de locomoção pela planta fabril, nas condições de transportes dos dois segmentos, em suma, na pertença diferenciada e percebida por todos.

Junto aos terceirizados, existe, também, uma busca de distinção que reproduz o modelo posto acima e, que procura classificar e diferenciar os terceirizados quase-permanentes, que ficam mais de 3 anos no trabalho trocando de crachá de tempos em tempos, dos segmentos de terceirizados de paradas, que ficam no máximo 3 meses no trabalho e dos quarteirizados, que trabalham em obras, em geral mais duradouras que uma parada para manutenção da fábrica.

Em outra perspectiva, no que se refere, à pesquisa documental, me chamava atenção, na leitura dos boletins do Sindicato dos Terceirizados da Petroquímica da Grande Salvador, (Sitticcan), as notícias sobre condições de trabalho, sobre preconceito e alguma perseguição de petroleiros, reforço do corporativismo, sobre a justificativa dada pelos terceirizados para não participar da greve de Petroleiros em 1995, sobre silêncio⁶, nos materiais impressos, quanto ao insucesso da proposta de unificação das bases petroleiras com as bases terceirizadas, etc.

⁵ Uma das leituras que estarei fazendo será da Obra “La Distincion” Traduzida para o Espanhol e publicada originalmente em Francês, por Pierre Bourdieu.

⁶ Para discutir o silêncio como dado de pesquisa significativo ler: “ Memória, esquecimento e silêncio, de M. Pollack, 1995”

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Nas entrevistas com dirigentes sindicais terceirizados, aparecia um dos motivos de não participação dos terceirizados no apoio à greve dos Petroleiros em 1995, foi:

Em 95, eu vou explicar porque, porque os terceirizados não participou, porque tem detalhe. O dono da área, o dono da área interna você sabe que é petroleiro, a área é Petrobrás. Então, quem poderia evitar o nosso acesso à área eram realmente os petroleiros, era o sindicato com seus trabalhadores né, organizados, era quem poderia evitar da gente tá dentro da área da refinaria, fazendo o serviço terceirizado, essa é a questão, e realmente nessa época aí, eu fiquei dentro da área preso, fiquei uma parte lá dentro preso, se acontecesse alguma coisa de emergência, tinha gente na área pra poder ter condições de acionar qualquer problema que houver.

Porque teve uma greve aí dos petroleiros mesmo, a ultima greve dos petroleiros ia até parar numa boa, e eles não queria que o pessoal do terceirizado entrasse e os terceirizado não entrou, botou piquete no portão 1, no portão 2, botou lá no [mirim] no Transpetro, botou lá no porto do [mirim] botou, os terceirizados todo dia vinha, quando chegava la, os petroleiros nada.

Os petroleiros colocavam piquete e realmente os petroleiros tinha toda razão, se eles forem olhar a área é da Petrobrás, nós somos prestador de serviço deles entendeu, aí era uma questão que, uma questão critica. Tem petroleiro lá que trata a gente muito bem certo, mas já tem outros que discrimina seriamente. (Depoimento de Dirigente Sindical dos Terceirizados)

A falta de diálogo entre os segmentos foi se tornando uma marca da relação petroleiro-terceirizado, pois, o piquete antecede a qualquer diálogo com o contingente terceirizado sobre os motivos que levaram o segmento dos petroleiros a entrar em greve. Por outro viés, o depoimento nos permite reconhecer também o olhar do dirigente terceirizado em relação ao direito sobre o lugar, como sendo dos petroleiros, cabendo somente aos terceirizados retornarem às suas casas, muito mais pelo piquete posto nos portões da Refinaria do que por um convencimento da importância de solidariedade à greve.

Obviamente, descobrimos também que o boletim, embora, um importante meio de comunicação entre o Sindicato e a categoria, também era um documento com ares idealistas,

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

pois, percebia também, a vitimização do terceirizado frente ao processo de terceirização, e, também, uma visão, um pouco despolitizada sobre o petroleiro, enfim, um documento que propicia, uma “leitura crítica” do próprio terceirizado, em suas ações políticas cotidianas e institucionais.

Para chegar a essa conclusão, utilizávamos uma metodologia interessante, porque, classificávamos as notícias entre ações propostas, ações realizadas e resultado de ações. A maioria das ações propostas não eram realizadas, portanto, ficavam no plano do discurso. Obviamente, esta classificação não era o único indicador do imobilismo do Sindicato, realizávamos entrevistas com os dirigentes, onde inquiríamos os entrevistados sobre, se as ações propostas eram realizadas, e a negativa nos dava suporte para pensarmos no caráter amplamente discursivo dos boletins, como meio de propagação de uma idéia, mas não necessariamente, de uma prática política.

As principais conclusões desta pesquisa foram, as de que, os terceirizados tinham uma experiência segmentada, precária e excludente com o trabalho devido à instabilidade, aos laços frágeis com o labor, ao convívio precário com os petroleiros, a falta de uma política de integração da Petrobrás, à forte precarização do trabalho a que eram submetidos. É claro que essas condições de trabalho e vida são dialéticas e portavam múltiplas visões. Os terceirizados mais novos não percebiam tanto a precarização quanto os terceirizados que já tinham labutado em empresas do Pólo e da Grande Salvador como operários efetivos.

Essa situação já tinha sido analisada no artigo “ Permanente e Temporários” presente no Livro “A Miséria do Mundo”, organizado por Bourdieu. É que na França, a precarização e terceirização têm um corte geracional evidente. Os trabalhadores mais velhos, segundo análise, não foram submetidos à precarização do vínculo, de forma tão intensificada, como os trabalhadores da geração mais nova, entretanto, no caso brasileiro, há uma diferença crucial do

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

caso francês: os mais atingidos, os trabalhadores experientes, em geral, chefes de família, que participaram de uma cultura de estabilidade, que tiveram carreira, em síntese, ex-trabalhadores fordistas, tinham também se tornado terceirizados.

Neste sentido, o processo brasileiro não tem um corte geracional na estrutura da terceirização, mas tem um corte geracional, na forma como os terceirizados, percebem o fenômeno. Sempre, os que participaram de um padrão estrutural de trabalho e vida anterior, os velhos, sofreram mais com sua instabilidade social, alcançando o núcleo familiar, do que, os mais novos que conseguiram empregos a partir do início da década de 90, e que em sua maioria, não possui família, como eles dizem: “para dá de comer”.

Assim, analiso também, como a relação “estabelecidos e outsiders” se amalgamam na Refinaria Landulfo Alves, na Grande Salvador, entre Petroleiros e Trabalhadores do setor de manutenção da Refinaria, terceirizados. O período analisado vem sendo o de 1990 a 2005, fase em que se intensificou a terceirização na Refinaria.

A mudança na estrutura corresponde à mudança no comportamento dos atores envolvidos, entretanto, esta não é mecânica, é processual-histórica. É a constituição de um novo habitus (Cf: Bourdieu, 1989)

Os Petroleiros fogem, como o diabo da cruz, de contato duradouro com Terceirizados. (Elias, 2000) deu uma importante contribuição para entender essa relação ao escrever o livro, Estabelecidos e Outsiders. Neste, Elias discute o que leva pessoas e grupos com a mesma condição de classe, étnica, de renda, de credo religioso, de nacionalidade, a discriminar seu semelhante. Descobrirá a partir de um estudo de Comunidade, que o critério de antiguidade de moradia, pode operar a estigmatização de um grupo contra outro. Elias, entretanto, diferencia o preconceito individual do coletivo, trata dos mecanismos de estigmatização grupal, de desonra

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

grupais, de carisma grupal, ou da falta dele que explicam sociologicamente a discriminação coletiva.

Na era da intensificação dos contatos virtuais, o Orkut, esse gigantesco site de relacionamentos, também tem uma comunidade de Trabalhadores Terceirizados da Petrobrás⁷. Nesta comunidade, que acompanho desde janeiro de 2006 diariamente, descobrimos também que esta se tornou uma tribuna de reclamação dos trabalhadores em situação de trabalho precário. Vejamos alguns depoimentos postados na comunidade à seguinte pergunta: Você sofre preconceito por ser contratado?

“Não é preconceito, é discriminação. As cores dos crachás mostram isso claramente. Aposentados, azul (tudo azul!). Funcionários, verde. Visitantes, vermelho (perigo!). Contratados, cor de m...Claro está que nem todos os funcionários são discricionários; os mais inteligentes e bem educados convivem com os contratados numa boa.” (José, 09/05/2006 10:51)

Sofro um pouco dentro do edifício por trabalhar na área de manutenção elétrica, alguns pretolheiros na hora que vou fazer o trabalho fica olhando estranho para ver se não vou catar nada e meio constrangedor. Mas do lado de fora é só mostra o cracha q já gera respeito!!!! (João, 26/03/2006 09:21)

Fui contratado por 5 (díficis) anos... no setor de TI da REGAP. Graças à Deus não sou mais, foi, por assim dizer, a pior fase da minha vida. A discriminação dos petroleiros para com os contratados é muito grande..... Mas dias melhores vieram e desejo sorte a quem continua... (Elias, 03/01/2005 03:04)

Trabalhei na RECAP durante 1 ano no DP. Uma vez fui reclamar com a ouvidoria sobre o tratamento diferenciado dos contratados em relação aos Crachás verdes, minha gerente ficou fúria, me levou para uma sala e ameaçou me mandar embora. Ainda por cima me humilhou

⁷ Todos os nomes de trabalhadores que postaram na Comunidade de Terceirizados do Orkut foram trocados para garantir seus direitos à privacidade.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

dizendo que eu não era nada lá e que a corda ia arrebentar para o meu lado. Como não tive testemunhas não pude fazer nada. Ela é esperta: quando quer humilhar um funcionário ela chama de canto sem ninguém para testemunha. E está lá até hoje como gerente. (Magnólia, 08/11/2005 05:05)

concordo com vc (sic) mariza,os petroleiros tratam contratados como se fossem empregados pessoais,tudo mundo manda no crachá amarelo,e ainda nos chamam de "oreia seca".

vc se esforça ao máximo e no final leva um pé no traseiro,sendo tratado como algo descartável.claro que nem todos fazem isso,mas garanto que a grande maioria faz. fui demitida pq a fiscal do contrato era uma mal amada e não ia com a minha cara,me perseguiu 03 anos,e dizia que "não suportava meu sutaque. (Marcos, 07/07/2005 10:57)

Temos cerca de noventa depoimentos desse tipo que aponta para uma conclusão parcial: as relações entre trabalhadores diretos e indiretos na Fábrica tem se deteriorado, e uma expressão clara disso, é que a todo momento os terceirizados postam mensagens em suas Comunidades do Orkut, que explicitam questões como preconceito, estigmatização e fragilização dos laços sociais na empresa.

Todavia, o grupo que monopoliza fontes de poder tem maiores chances de fazer perdurar a estigmatização do outro grupo. Além do que, sua coesão grupal é o diferencial de poder, necessário para que se prolongue a discriminação.(Elias. 2000)

Ademais, o grupo rotulado negativamente, carece de coesão grupal e internaliza a sua inferioridade. Elias discute ser necessário para um grupo estigmatizado, lutar contra a discriminação, fortalecer sua coesão grupal e lançar mão de processos de contra-estigmatização, que seriam possíveis, com um maior equilíbrio de acesso, a fontes de poder, que são monopolizados pelo grupo que discrimina. Vejamos este depoimento em que o terceirizado reflete sobre os rótulos negativos utilizados na interação terceirizado x petroleiro:

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Há, eu vou dizer um apelido aqui e você vai dar risada, eu tenho, até de vez em quando uso aí no chefe aí, o chefe se zanga, não, é chamado de servente e orêa seca também.) orêa seca [é uma coisa] que a gente chama assim normal [que o peão até aceita].

Não, eu vou explicar o negocio a você: ele chama a gente mas, orêa seca, aí a gente chama ele de servente, e na hora que ele passa, ó que servente ruim, ó servente ruim, a única coisa que tem valor ali é só o crachá dele, você entendeu?⁸ Aí ele chama também a gente como Cláudio tá falando de orêa seca e o vigilante da portaria, se a gente chamar de vigia

Orêa seca é um profissional ruim, o nome já diz orêa seca, tá, transfira pra cá, orêa seca. Muito deles não chega nem perto, mas pra eles a maioria nossa, nosso trabalhador é destreinado, são desqualificados, aí que, eles pensam que o cara é terceirizado porque ele não teve oportunidade na vida, Eu tenho pra mim que na hora também tem discriminação entre eles também né.)

é chamar o cara de cabaço, e o cara cabaço, tem discriminação também entre eles, tem discriminação.

O pessoal da construção civil deles (da Petrobrás) lá é discriminado que é uma beleza.

A Petrobrás em si, ainda tem um pessoal da área de civil, petroleiro mesmo, tem petroleiro lá, também da área de andaime, aí, Coitado não tem moral de nada.) eles são discriminados, eles não tem moral, tem um pessoal também das máquinas pesadas.

Eles (os petroleiros discriminados) se dão muito bem com a gente né, ele se dá muito bem com a gente.

Esses aí que são categoria mínima, que eles acham que é mínima se da bem com a gente, geralmente. Aí eu vou explicar como é: o que ele é da área de andaime, eles são os caras que veio de montador de andaime * da Petrobrás, aí botou ele pra fiscalizar as empresas de andaime, entendeu agora? As empresas que vai montar andaime, quem fiscaliza são esses caras e ele é discriminado pelo operador da Petrobrás, pelo técnico de caldeiraria, pelo engenheiro de caldeiraria, ele é discriminado e muitas vezes o engenheiro de caldeiraria manda nele. Cadê fulano de tal, que não tá aqui no setor! Traz lá, pra cá.

(Depoimento de Terceirizado)

⁸ O Orkut se transformou na sociedade em que vivemos numa espécie de rede de sociabilidade, onde os membros das Comunidades trocam experiências sobre quase todas as dimensões da existência humana. Realizando em janeiro de 2006 pesquisa sobre a existência de comunidades ligadas à Petrobrás, descobrimos a existência de mais de 30 Comunidades dedicadas à Empresa, inclusive, ligadas aos Terceirizados da Petrobrás. Esta Comunidade, tinha 970 membros em janeiro e em 20 de março já contava com 1200 membros. Nesta existe um fórum onde há relato de problemas de convivência entre Petroleiros e Terceirizados. O Nome da Comunidade é “ Petrobrás: Não sou crachá verde”. Em muitos depoimentos de Trabalhadores terceirizados aparece esta questão da cor do crachá como elemento diferenciador dos segmentos

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Deste modo, nas entrevistas diretas podemos perceber também, que neste mosaico de classes⁹, as diferenciações são construídas a partir da dicotomia trabalhador manual/trabalhador intelectual¹⁰.

Uma informação prestada por uma assessora sindical do Sindicato Terceirizado foi muito importante para iluminar esta questão, durante esta fase de pesquisa de campo, qual seja: os terceirizados da Refinaria que realizam trabalhos mais intelectuais do que manuais, a exemplo de terceirizados da área de processamento de dados estão se desfilando em massa do Sindicato de Terceirizados da RLAM, representando esta decisão, uma necessidade deles de se desvincular da identidade de trabalhadores terceirizados, que são majoritariamente trabalhadores reconhecidos enquanto realizadores de atividades manuais. Foi também abordado pela assessora que estes se consideram trabalhadores intelectuais, e que, portanto não se consideram representados socialmente estando sindicalizados no Sittcann (Sindicatos de Construção Civil, Montagem e Manutenção Industrial de Candeias e Região)

Todavia, a coesão grupal dos estigmatizadores, só perdura, devido às recompensas positivas e negativas dadas aos seus membros. Recompensas positivas, ser cada vez integrado aos valores do grupo e ser protegido por eles. Recompensas negativas, retaliação, castigo, caso, por exemplo, de uma relação proibida com membros do outro grupo.

Neste íterim, ao lermos o capítulo sobre a discussão teórica de “Estabelecidos e Outsiders” ,

⁹ GODINHO, Luis Flávio Reis. Um Mosaico de Classes – A Terceirização na RLAM. Dissertação de Mestrado. FFCH-PPGCS-UFBA. Sob Orientação da Prof.a Dr.a Graça Druck, PPGCS-UFBA

¹⁰ Ver: COSTA, Fernando Braga da. Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004. 256 p.). Onde o autor virou gari por longo tempo para escrever uma Dissertação de Mestrado. em Psicologia Social na USP para demonstrar a invisibilidade social de trabalhadores manuais, especificamente garis da USP.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

percebemos sua contribuição para o entendimento da discriminação coletiva nos seguintes termos: carisma grupal, desonra grupal, monopólio de fontes e de acesso ao poder, estigmatização e contra-estigmatização são recursos, mecanismos utilizados pelos grupos humanos no processo de retaliação e afastamento da convivência de grupos considerados “impuros”.

O autor vislumbra a necessidade de entender que todo processo de estigmatização encontra no grupo estigmatizado uma legitimidade, pelo fato desta ser internalizada e vivida como realidade pelos estigmatizados. Principalmente, na análise do autor, por falta de coesão grupal e de acesso a fontes de poder com potencial de veicular uma contra-estigmatização.

Assim, a luta contra a estigmatização passa necessariamente pelo acesso a fontes de poder monopolizadas pelo grupo que estigmatiza. É uma guerra de posição, em que um grupo tenta evitar que o tido como inferior, acesse esse poder monopolizado, pois é com esse recurso, que a discriminação dos estabelecidos se alimenta e retro-alimenta.

No caso dos trabalhadores do petróleo na Refinaria, a discriminação e o conflito se dão em varias dimensões

- a) Conflitos de ordem simbólica - A vestimenta diferenciada, a proibição de acesso de trabalhadores de empreiteiras a alguns setores da empresa, o pertencimento social diferenciado, p.ex., bairro de moradia, identificação do trabalhador de empreiteira como peão em contraste com a de petroleiro, etc.
- b) Conflitos de ordem política - Não se solidarizar nas greves de um e outro segmento, reforço recíproco de corporativismo, não dar apoio político a reivindicações da

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

categoria em greve¹¹ etc. Observem o que responde um dirigente sindical: “ Alguns trabalhadores de empreiteira se consideram discriminados pelos petroleiros e relutam em fazer greve conjunta”. Vejamos:

Rlam - Paraíso dos Aposentados - Visando tirar vantagens com a Petrobrás, as empreiteiras estão dando prioridade na admissão aos trabalhadores aposentados da Refinaria, só na Engim já são mais de dez. E se a moda pegar, dentro de pouco tempo as gatas só vão querer fichar os aposentados da Petrobrás. O argumento utilizado para justificar esse procedimento é taxativo, eles alegam que os aposentados devido a sua 'larga convivência' dentro da Rlam, tem uma certa facilidade para conseguir as coisas por lá, porque conhecem muitos setores e um grande número de pessoas influentes; uma ferramenta emprestada aqui, uma multa cancelada ali e tudo bem(...)O Siticcan está de olho aberto, e não vai permitir o crescimento desse círculo vicioso, que está tirando os empregos dos nossos companheiros(...)" (Boletim Maçarico, n.100 - Nov/96). Grifo meu

Agora eu tô levando em conta uma coisa também. Vou dizer que eu sou contra a contratação de aposentados, eles entram porque, geralmente ele foi petroleiro, logo que , antes de você entrar na terceirizada, você vai ser [testado] e tudo, e ele pelo simples fato de ter o nome Petrobrás, as vezes até com a capacidade menor do que a sua ou de qualquer um, ainda trabalha na área tomando um emprego de uma pessoa que tá ali altamente qualificado, tem um cara ali totalmente desqualificado no lugar dele. (Depoimento de Sindicalista Terceirizado)

As relações políticas entre os dois segmentos foram se tornando cada vez mais corporativas, pois, a fragmentação fomentou um afastamento crescente da crítica à desigualdade de condições de trabalho entre os mesmos:

Conflitos de ordem social - Direitos desiguais, condições de trabalho diferenciadas, condições de vida desiguais, no depoimento:

¹¹ A pergunta era a seguinte: Como tem sido o comportamento do sindicato e dos trabalhadores de terceiras quando ocorre alguma greve de empregados contratados diretamente pela empresa/ Como foi o comportamento do sindicato quando da última greve da Petrobrás? Esta pesquisa intitulada Terceirização: as visões do Sindicato, foi feita pela prof^ª. Graça Druck e Roseli Afonso, bolsista de IC.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

(...) Tem algumas tarefas da Petrobrás, colocou uma tarefa pra ser desenvolvida por uma dupla, um trabalhador de contratada, outro da Petrobrás. Então, aquele que é trabalhador da Petrobrás se sente chefe do outro, naturalmente o trabalho mais pesado vai ficar pro outro né. Isso acontece certo, agora é o processo, como eu disse a você né, é um processo que tem sido quebrado né, eu acho que cada vez tem acontecido menos, pelo crescimento que tem acontecido em nível de organização dos empregados, pelo nível de consciência que tem crescido, o próprio trabalhador da Petrobrás hoje ele vê, que ele também ele é peão também igual aos outros, que ele também é massacrado, ele também é explorado né, quanto os outros né. E também existem casos, até que hoje têm algumas funções, tem trabalhador da Petrobrás quando menos do que trabalhador de contratada. Então, aquele status que se tentou ou que se demonstrou né, em algum momento, hoje não é possível. (Depoimento de Petroleiro)

Nesta notícia tomamos contato com uma relação petroleiro x terceirizado:

"Área P da RLAM - Os operadores da área P estão tornando a vida dos trabalhadores das empreiteiras em uma vida de cão, não nos deixando beber água. Tem alguns petroleiros que pensam ser os donos da Petrobrás, assim não dá para chamar esses trabalhadores de companheiros" (Boletim Maçarico, num. 69 Out/94)¹².

No depoimento do dirigente sindical terceirizado também aparece este tipo de queixa:

Por exemplo... na sala dos petroleiros, sala de controle, sala de operadores por exemplo, o terceirizado entrasse pra beber água ele era chamado atenção, qualquer uma falha de um terceirizado qualquer um petroleiro demitia, é ... sujava o cara pra não entrar mas na Refinaria, existia tudo isso (Depoimento de Dirigente Sindical Terceirizado)

¹² Para esclarecer: não deixando beber água em áreas não permitidas para estes trabalhadores, p. ex. área de trabalho dos petroleiros.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Conflitos de ordem econômica - Salário desigual, benefícios extra-salariais desiguais.

Conflitos causados pela Petrobrás – revistar os pertences de todos os funcionários de empreiteiras (na entrada e na saída do trabalho) e não acontecer revista de empregados da Petrobrás. Vejamos o depoimento de um petroleiro:

Sobre a discriminação em relação a um e outro. A gente pode ver isso no salário. O da Petrobrás ganha quatro vezes mais que um terceirizado. Jamais vai acontecer uma igualdade, mesmo trabalhando, fazendo as mesmas coisas. A partir do momento que se tornarem iguais, hoje inclusive já está se ganhando força considerar um terceirizado como petroleiro. Está caminhando pra isso. Se está querendo até agregar o sindicato dos terceirizados com o nosso para fazer uma mobilização, uma paralisação. Antes parava só Petrobrás, o terceirizado não parava. De um tempo pra cá, parou até os terceirizados, embora sofra pressões do pessoal da empresa deles, porque a Petrobrás quer cortar o pagamento da firma, ela não tem nada a ver, ela está pagando, a greve é dos petroleiros mais o sindicato está lutando para que a condição melhore.” (Depoimento de Petroleiro)

Os boletins já foram analisados, enquanto fonte de dados, no corpo deste texto, e, repito, que os cuidados principais, que se deve tomar com eles e com qualquer outra estratégia e coleta de dados é a crítica interna da fonte: quem escreveu, pensando em quem? em quê? Para quem? Com que objetivo? Classificando quem como adversário? Procurando dialogar com que segmentos?. Uma outra função dos boletins e convenções é servir de memória do segmento, mesmo que esse não seja o objetivo principal da impressão deles, ainda assim, é uma “função latente”.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

As entrevistas nos permitiram a descoberta de dados relevantes para entendermos a segmentação: o local de entrada e saída na fábrica, o refeitório, o ônibus e seu horário de saída, o vestiário não eram os mesmos, para terceiros e efetivos. Todos os ônibus de terceirizados tinham que aguardar, no pátio, a saída dos ônibus dos petroleiros, para terem a liberação de saída, vejamos o depoimento de um terceirizado:

“O vestiário do pessoal da Petrobrás tem uma pessoa lá, uma ou duas pessoas a depender do tamanho do vestiário, tem manutenção direto. Ficam limpando, é entupir alguma coisa, o cara vai lá e tal e desentope. Os funcionários da Petrobrás têm os armários, o banheiro, o vestiário é todo azulejado, tudo direitinho. E o da empreiteira é de construção, é malmente rebocado e pintado. Os funcionários no vestiário deles têm bancos pra sentar. Quer dizer, pode sentar, pode vestir sua calça e tal. O da empreiteira não. Só têm lá as paredes, o quadrado com o chuveiro e os armários. Aí o cara para calçar o sapato, para vestir a roupa tem que vestir em pé mesmo”

(Depoimento de um dirigente sindical terceirizado, março de 2001).

Cabe saber, se essa realidade persiste, pois, é um importante indicador da fragilização dos laços. Aqui, é importante salientar, a contribuição de Bauman, presente no Livro “Amor Líquido” que defende a tese de que vivemos numa época de hegemonia dos laços temporários, flexíveis e frágeis.

As entrevistas, que foram realizadas, revelaram um dado interessante: entre os petroleiros há heterogeneidade de representação sobre os terceirizados e a terceirização. Parece-me, que existem duas perspectivas, uma de naturalização, da inexorabilidade do fenômeno da terceirização na empresa, e outra, de maior criticidade frente ao mesmo processo:

O indicador da diferença de representação é a experiência e participação nas lutas políticas do segmento. Aqueles que participaram do Sindicato, ou são bases politizadas na luta da

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

categoria, tendem a ter uma opinião mais crítica, do que, os petroleiros menos ativos na luta política da categoria, ou tendem a problematizar a terceirização.

Os menos ativos podem ser legalistas em sua opinião de que, a Petrobrás não tem responsabilidade na implementação do processo de terceirização:

O processo de terceirização eu acho que não é da PETROBRÁS, é um global. Isso foi até, vamos dizer assim, imposto à PETROBRÁS. Você tem todo um grupo próprio. Eu que vivo lá, a gente sempre preservou por isso, para que a condição melhore.” (Depoimento de Petroleira, março de 2003) Grifo nosso.

Um trabalhador petroleiro me disse certa vez, ao explicar porque não via problema na terceirização, que “até mesmo na casa dele, o serviço doméstico era terceirizado, pelo fato dele e da esposa serem trabalhadores, e que com a Petrobrás, não poderia ser diferente, já que o processo é inexorável” assim:

“ Não existe mais aquele discurso, ninguém mais defende lá na frente que o ideal é a terceirização. O cara pode no máximo dizer assim: Tem pontos em que a terceirização se faz necessária, mas os pontos chave não.

Entrevistador – Qual seria o ponto crítico de reversão hoje no processo de terceirização?

Eu acho que eles não mexeram na operação.

Entrevistador – Não. Isso nunca foi terceirizado. Eu falo no que já foi, o que está sendo revertido?

Não, a manutenção elétrica, a instrumentação.

Entrevistador – O pessoal está revendo esse processo?

Contratando!... Contratando. Agora teve concurso para pessoal de manutenção. Então assim, por que não caldeiraria? Porque veja só: todo mundo, mesmo vocês que não conhecem muito da manutenção, sabe que se você disser assim: Caldeiraria, pega um tubo enrosca no outro. É uma atividade. Aí tem um cartão eletrônico que dá um defeito. Qual é o mais difícil a princípio? É consertar o cartão

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

eletrônico. Porque o cara tem que ter uma teoria de eletrônica, tem que conhecer.

Então, a caldeiraria, como é um serviço muito menos qualificado, ele tende a ser mais terceirizado. Como cozinheiro. Você precisa ter um cozinheiro da PETROBRÁS com o crachá cozinheiro?! Pô bicho, não precisa!

Até na casa da gente, a gente quarteiriza, vamos dizer assim, não uma cozinheira aqui em casa não. Eu vou comer na rua, o que é que você está fazendo? Você está quarteirizando, terceirizando. Eu vou comer na rua, então eu vou pedir a alguém para fazer.” (Depoimento de petroleiro, Fevereiro de 2003) Grifo nosso”

Outras questões vêm à tona na pesquisa sobre terceirização na Petrobrás. A questão da identidade profissional. Se você pergunta a um trabalhador terceiro se ele é um petroleiro, ele diz, proferindo um monossílabo, não. Ao insistir na pergunta é possível saber porque não!, Para a maioria dos terceirizados da Petrobrás, petroleiro é quem trabalha como empregado efetivo da empresa. Portanto, não é o fato de se trabalhar como caldeireiro, soldador, maçariqueiro, lixador, numa Indústria Petrolífera, que é o caso investigado, que irá moldar um pertencimento ou identidade profissional:

Eu acho que não, o pessoal dessa época de 90, naquela greve, na primeira greve de 26 dias ele criou essa cultura lá na assembléia que, todos nós somos petroleiros , a gente costumava falar os petroleiros diretamente contratados os da Petrobrás e os petroleiros indiretamente contratados que era os terceirizados, e dizia que todos eram petroleiros porque trabalhava no petróleo, mas eu acho que eles na realidade não viam a gente como petroleiros, assim como os terceirizados também não se sente petroleiro. (Depoimento de Terceirizado)

Interessante, é a mesma pergunta feita para um trabalhador efetivo da Petrobrás, majoritariamente, eles também têm dificuldade de classificar um terceirizado como petroleiro. Conclusão: no imaginário hegemônico dos trabalhadores, petroleiros são empregados da Petrobrás, vejamos:

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Entrevistador - Para você o trabalhador terceirizado efetivo é um petroleiro?

Entrevistado - Não.

Entrevistador - Não? Por quê?

Porque ele não se sente assim.

É uma relação esse sentimento. Não adianta ser para mim. ... Também não vejo, também não tem essa construção. Ele não se sente assim. É, existem discriminações.

Entrevistador - Mesmo quem está há 20 anos na função de terceirizado?

É. Ele é sempre um terceirizado.

Entrevistador – É? E você acha que é uma visão restrita de pensar a condição de petroleiro, achar que isso tem que estar colado com a idéia de ser empregado da PETROBRÁS ou você acha que isso é normal na história da construção da empresa?

- Entrevistado - Analisando, eu acho que é absolutamente restrita, é mesquinha. Agora, isso é uma coisa tão institucionalizada que eles próprios não acham! É como dizer assim: é o olhar antropológico. O olhar antropológico é o olhar da estranheza. Você precisa está de fora olhando aquilo ali para achar aquilo estranho. Dentro daquilo ali não é estranho. Como não é estranho agora estão 3.000 pessoas correndo feito doidas vestidas iguais atrás de um caminhão, como está na Barra agora [refere-se ao carnaval]. Acha aquilo ali nada estranho. Para qualquer ser fora daqui acha aquilo ali é um absurdo, um negócio esquisito.

O que eu quero dizer é o seguinte: o fato de eles não se sentirem petroleiros e o fato de os petroleiros não os considerarem como tal na relação não é uma coisa estranha, é uma coisa normal. (Depoimento de Petroleiro, Fevereiro de 2003) Grifos nossos.

A heterogeneidade de representações sobre o terceirizado e a terceirização se apresenta como uma realidade, pois:

“Sobre a discriminação em relação a um e outro. A gente pode ver isso no salário. O da Petrobrás ganha quatro vezes mais que um terceirizado. Jamais vai acontecer uma igualdade, mesmo trabalhando, fazendo as mesmas coisas. A partir do momento que se tornarem iguais, hoje inclusive já está se ganhando força considerar um terceirizado como petroleiro. Está caminhando pra isso. Se está

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

querendo até agregar o sindicato dos terceirizados com o nosso para fazer uma mobilização, uma paralisação. Antes parava só Petrobrás, o terceirizado não parava. De um tempo para cá, parou até os terceirizados, embora sofram pressões do pessoal da empresa deles, porque a Petrobrás quer cortar o pagamento da firma, ela não têm nada a ver, ela está pagando, a greve é dos petroleiros mas o sindicato está lutando para que a condição melhore.” (Depoimento de Petroleiro, março de 2001)

Por outra perspectiva, alguns dados são elucidativos: em uma entrevista com petroleiro, ex-sindicalista, obtive informação que os trabalhadores da base foram contra a unificação das bases petroleiras e terceirizadas durante discussões, levadas à cabo pela direção do Sindipetro e Sittican,¹³ no ano de 1991 e 1992:

Então, nosso objetivo inicialmente era que todos eles, todos empregados trabalhando na área da Petrobrás, [fosse] sindicalizado no sindicato da Petrobrás, como trabalhador de petróleo, num sindicato só. Mas havia uma discriminação grande, o próprio trabalhador da Petrobrás resistia, né, pra que o trabalhador da contratada fosse sindicalizado no sindicato dele, pronto.

É ... a gente quando começou a organizar o trabalhador de contratada, a gente sofreu resistência na base, pessoas que não queriam que a gente gastasse energia no sindicato pra poder organizar trabalhadores terceirizados (Depoimento de ex-diretor do Sindicato dos Petroleiros)

As alegações da base eram majoritariamente ligadas à idéia de falta de sensibilidade, pragmatismo e corporativismo. Por outro lado existia o receio da unificação trazer, pro lado dos Petroleiros, todos os problemas de condições de trabalho e vida dos terceirizados. Tudo isso no longo prazo

¹³ Respectivamente Sindicato dos Petroleiros e Terceirizados da Grande Salvador.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Esse processo, de recusa de atuação conjunta, foi se agudizando durante toda década de 90, pois, em 1995, foi a vez dos terceirizados não se solidarizarem: eles não entraram em greve, em apoio ao movimento paredista dos petroleiros daquele ano.

Segundo um dirigente sindical terceirizado “se as relações no cotidiano são precárias, não dá para se solidarizar num momento de greve”. O cotidiano será uma categoria central de análise desta tese, devido ao fato, de se apresentar com muita força nas representações dos petroleiros, e principalmente, dos terceirizados, seja, nos boletins, ou nas entrevistas, o cotidiano sempre é modelo analítico de crítica ao comportamento político dos segmentos.

De fato, a precariedade da vida cotidiana na Fábrica, se amalgama, com as relações sociais, políticas e culturais entre os dois segmentos também fora da fábrica. Situações pequenas do cotidiano fabril, tais como: queixas de que não podem entrar em algumas salas de petroleiros para beber água, de que alguns petroleiros se sentem “donos da Petrobrás”, de que eles humilham terceirizados, aparecem sempre nos boletins do segmento dos terceirizados. A participação no clube que fica nos arredores da Refinaria também é diferenciada:

O problema todo, o fator é dinheiro. Agora no caso você perguntou o acesso que tem pra as duas partes. Então, eu tô falando o acesso que tem pra as duas partes, é, o clube tem. Agora só que tem um negocio, a piscina, o terceirizado não pode ir... não tem direito, concordo porque é só pra associado. Agora se o terceirizado alugar a casa ou um parente dele alugar a casa ou coisa assim, e ele tiver, o parente tiver na casa, ele pode vim com a roupa da terceirizada e lá na casa tirar a roupa dele, botar a sunga e tomar banho de piscina. Por quê? Ele alugou um espaço, que é dentro do clube.

Sobre a regulação da vida social dos empregados pela Fábrica, um dos princípios e objetivos das Empresas Fordistas tão analisado por Gramsci em “ Americanismo e Fordismo”, podemos encontrar este princípio numa explicação dada pelo empregado terceirizado, sobre o que pode e o que não se pode fazer pelos frequentadores do clube das redondezas da Refinaria:

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Tem o clube, agora só que lá o clube tem uma certa lógica: que não pode vender bebidas aos petroleiros tem bebida lá, você entendeu, tem bebida, agora não pode vender, Não pode vender bebida nem dia de semana, nem final de semana. Mas mesmo assim a gente fica bêbo¹⁴ ali a hora que quer.

(Depoimento de Terceirizado(

A idéia, construída na cabeça do investigador, a partir dos primeiros depoimentos, sobre a exclusão sócio-espacial, é a de que, aquele é um “não lugar” para o terceirizado, nos termos analisados por Marc Augé. Lugar que não incorpora identidade, história e sentimento de pertença para o terceirizado, pois, quase todos os espaços e lugares administrativos da empresa são proibidos para terceirizados, que não estejam em serviço nesses lugares. Lembro bem de um depoimento de terceirizado, que ficara surpreso, ao ser convidado a pegar uma carona, no carro de um petroleiro, para superar os mais de 4 quilômetros que separavam a área de trabalho do portão de saída da Fábrica. A surpresa, se devia, a pouca frequência, deste tipo de ajuda.

Por outro lado, os terceiros também têm suas representações sobre os petroleiros. E sobre petroleiros aposentados, que voltam a Rlam, para trabalhar, como terceirizados, essa representação é cruel: “usurpadores de emprego de terceiros” “terceirizados privilegiados”. O corporativismo é evidente aqui, durante entrevista com dirigente sindical terceirizado, procurei inquiri-lo sobre a notícia vista no boletim, negativa, em relação à contratação de petroleiros aposentados pelas empreiteiras. Qual não foi minha surpresa, ao tomar conhecimento, que foi aprovado no Congresso do segmento, uma cláusula, que se colocava contra a contratação de aposentados da Petrobrás, para as terceiras. Fica claro, que há rugas constantes no relacionamento entre os dois segmentos:

¹⁴ Bêbo – embriagado.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

“Tese 18 – Emprego para quem não tem e não para aposentado – Um problema que vem se tornando comum na base do SITICCAN é o fato de aposentados da Petrobrás estarem sendo contratados no lugar de trabalhadores da construção civil e montagem”.

Com o achatamento salarial que vem ocorrendo nos anos FHC, os aposentados perderam também em suas aposentadorias, o que fez com que muitos voltassem a procurar emprego de novo. Só que com isso aumentou a concorrência na nossa base. Além dos desempregos tem agora os aposentados que disputam uma vaga com quem não tem nada. Não é justo alguém com renda tomar uma vaga de um desempregado.

O Siticcan deve combater esse tipo de coisa, pois está tirando o emprego de trabalhadores que precisam trabalhar e dando a quem já tem uma renda fixa que é a aposentadoria. Se os aposentados acham que não podem viver com a pouca aposentadoria, imaginem quem não tem nada “

(Trabalhador de Base. Caderno de Teses 7.º congresso dos Trabalhadores. Base Siticcan)”

Nesta mesma entrevista, os dirigentes sindicais terceirizados falavam, que eram a favor da construção de espaços diferenciados para os terceirizados: Refeitório, vestiários etc, pois, os terceirizados não se sentiam bem nos espaços de petroleiros. Foi neste momento que ganhei uma quase convicção: a tentativa de unificação dos segmentos, de luta contra a segmentação social e profissional, ficaram no começo da década de 90 do século passado. Observemos este depoimento que analisa a segmentação na Refinaria:

O que diferencia é, como a maioria hoje é terceirizada, certo, e a minoria é diretamente contratada. Então pra não atrapalhar, né, pra não atrapalhar... a alimentação, dividiu, botou do lado direito, diretamente contratado da Petrobrás e ao lado esquerdo que é o maior, o nosso terceirizado, que se não ia atrapalhar. Almoçava tudo junto chegou um momento, mas aí começou a atrapalhar e o fornecedor o nosso fornecedor do terceirizado é um, e o da Petrobrás é outro.

Entrevistador – E a qualidade da comida são a mesma?

Às vezes a nossa é, do terceirizado às vezes, a alimentação é assim, nunca agrada a todo mundo, as vezes a nossa é melhor, eu conheço as duas eu almoço nas duas, eu prefiro almoçar na terceirizada, porque eu acho bem melhor a alimentação nossa.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Entrevistador – Mas me diga uma coisa, vou fazer aqui um desenho, aqui é o salão do refeitório né, a comida vem de fora, você não faz dentro do refeitório, aqui tem as mesas né, como é que você fala que é dividido alguma coisa separada ?

Não, porque aqui tem uma rampa, existe uma rampa aqui, existe uma rampa aqui e uma rampa aqui certo, aqui sobe os da Fábrica né, o da Petrobrás, e aqui sobe o da empreiteira.

Entrevistador - Ele não pode ficar junto?

Ele não pode porque aqui, essa orientação aqui é específica pra os diretamente da fábrica e aqui fica o terceirizado, é porque aqui é um [grupo] é uma empresa que fornece, se os terceirizados aqui, o que quê vai acontecer, vai acabar a comida [desse cara aqui] do fornecedor, como é que ele vai almoçar, Já teve época, teve época que o pessoal usava barracão lá em baixo. Hoje não, agora hoje já tá modificando, hoje já vai ser diferente o terceirizado já vai ter o seu próprio local, já está construído, já estar em fase de acabamento né, ou seja, ele vai ter um local pra ele, vestiário * vai ter o refeitório só pro dele certo, e a central só dele.

Entrevistador– Você tá achando que isso é uma coisa positiva assim, isso não estaria separando mais os trabalhadores, como é isso?

Não, pra gente é bem melhor, é bem melhor, porque a gente vai lidar justamente com o nosso público, o nosso pessoal, os problemas pra gente resolver fica bem melhor né.

Não, não, não, na realidade parte dela foi sempre um luta nossa, a gente sempre lutou por isso, nós sempre lutamos por isso é, porque não é agora que [ele] vai conseguir, não adianta que não vai ser de uma hora pra outra, (fala sobre o o preconceito entre os segmentos) que vai se conseguir fazer, porque só acaba com isso no dia que todo trabalhador, acabar a terceirizada e a Petrobrás contratar todo mundo, e isso não vai acontecer nunca, porque sempre vai ter terceirizado certo. Então, já que vai existir terceirizada, é melhor que a gente tenha o nosso próprio local né, para resolver o nosso problema, é melhor porque aqui já tem, vai ter como organizar melhor o nosso transporte, a nossa alimentação. (Depoimento de Dirigente Sindical Terceirizado)

Outras questões são evidenciadas, estas se referem às opiniões dos dirigentes sindicais dos terceirizados sobre a unificação com os terceirizados do Pólo, em um único Sindicato, sendo que esta proposta não saiu do plano de intenções, porque, os terceirizados representados pelo Sindicato da RLAM, consideram a direção do Sindicato dos Terceirizados do Pólo, recuada politicamente, no que se refere à luta por direitos dos trabalhadores. E, havia o receio, de que a unificação agudizasse a precarização da parcela que trabalha na Refinaria Landulfo Alves.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Assim foi respondida por dirigente sindical terceirizado a questão sobre unificação com a base terceirizada que trabalha no Pólo Petroquímico de Camaçari:

não somos a favor da unificação com os terceirizados do Pólo, é que existe assim, culturas diferentes entre os sindicatos, existe culturas diferentes de direção, existe culturas de trabalhadores diferente, embora a rotatividade seja grande o trabalhador de lá sempre estar aqui, como o daqui sempre estão lá, mas existe diferença e a questão da convenção [entendeu o negocio] que é, tem diferença da dele, tudo isso termina dificultando uma unificação

Não será esse o mesmo receio da base petroleira, nos idos de 1992?. O receio de se unificar com trabalhadores mais precarizados, no que se refere à condições de trabalho e de contrato, parece ser uma tônica que alcança qualquer trabalhador envolvido num processo de discussão com um segmento com menos direitos trabalhistas. O que sugere que os terceirizados das RLAM são influenciados por dimensões comportamentais dos empregados da Petrobrás: corporativismo, receio da precarização e aristocratização operária.

Você tem uma situação, por exemplo: a maior parte dos trabalhadores da Petrobrás trabalha em Salvador ou moram em Salvador né, no caso a refinaria né, a maior parte mora em Salvador, ou mora em Feira de Santana, ou mora em uma cidade né, com um nível de estrutura, é, mais adequado né. A maioria dos trabalhadores das contratadas mora em Candeias né. Então, você tem já aí uma... diferença de moradia, pessoas que se relacionam fora do trabalho né, você tem por exemplo: trabalhador da Petrobrás fora do trabalho ele tem o Petroclube, que é da Petrobrás. Em Salvador ele vai em ambientes que não vão os trabalhadores das contratadas né.

Então, você queira ou não, você criou uma diferença social entre essas pessoas né, porque naturalmente né, em cada meio social, você têm seus códigos e suas formas de comunicação né. Eu não digo que chega não... não entender, porque de um certa forma você tá lidando com os outros né, então, eu acredito que há compreensão. Agora, é, que existe e você consegue, né, identificar o perfil de um e do outro né, de uma certa forma eu acredito que sim, eu acredito que é... diversos fatores, tanto econômico né, como social e... tanto fora do trabalho, como no ambiente de trabalho

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

né, são diferentes o tipo de atividade que um desenrola, que o outro desenrola né, os lugares que cada um frequenta, isso leva a que né, os anseios sejam diferentes de uma certa forma né,... os códigos e a linguagem também tem uma diferença. (Depoimento de Petroleiro)

De todo modo, embora essa diferenciação seja percebida no plano simbólico e social pelos segmentos, como vimos no depoimento anterior, essa situação não é aspecto novo na configuração da classe trabalhadora.

O historiador Hobsbawn, no texto “Qual é o país da classe trabalhadora” já demonstrara que a classe operária inglesa era um conceito muito abstrato quando se analisava o perfil religioso, de identidade nacional, de pertença dos próprios sujeitos que compunham esta classe operária na Inglaterra. As mediações identitárias apresentadas neste texto, tais como de cunho religioso, de origem nacional de membros da classe colocavam em suspeita tentativas de homogeneização à pertença de classe, apoiados numa leitura estritamente economicista e estruturalista¹⁵, entretanto, cabe observar, meu estudo aborda uma heterogeneidade – de tipo diferenciado - fomentada por um novo padrão de organização do trabalho adotada nos países centrais e periféricos do capitalismo a partir de meados da década 70 e meados da década de 80 do século passado, respectivamente. Por este motivo, o tipo de heterogeneidade que estudo é basicamente distinto do modelo analisado por Eric Hobsbawn.

Todavia, essas distinções do estilo de vida social e profissional dos segmentos estudados iluminarão futuras análises sobre o perfil atual da classe trabalhadora no Brasil, que além das mediações identitárias de: gênero, racial, de faixa etária, de frações de classe, terão que

¹⁵ Estudos brasileiros, como os de Elisabete Lobo “ A Classe Operária tem dois sexos” e de Paula Cristina Silva “ Negros à Luz dos Fornos – metalúrgicos na Bahia, corroboram com a noção de que é necessário pensar sobre essa heterogeneidade identitária - e isto até tem sido feito desde a década de 80 - , quando se incorpora outras identidades sociais na análise sobre a configuração e perfil dos sujeitos , e, que não são mediadas por relações de sociais de produção.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

contemplar também a perspectiva “ estrutural-estruturante” que abordo nesta tese que estarei elaborando: a situação contratual distinta fomentará conseqüentemente uma complexa rede – mais extensa ainda - simbólico-cultural-política e social, que, auxiliará na explicação sobre o perfil atual da própria configuração da classe trabalhadora no Brasil, tanto no meio urbano quanto no meio rural.

É claro que outros estudos terão que ser realizados, em outros setores de atividades econômicas por outros investigadores, pois, meu universo está restrito à configuração deste perfil junto aos empregados de uma Refinaria da Petrobrás, sendo portanto, um estudo de caso. É plausível considerar que a terceirização está presente em todas as atividade econômicas, e se reproduz o modelo trabalhadores estáveis x instáveis no interior de cada atividade econômica¹⁶.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. O Grande Mentiroso: Tradição, veracidade e imaginação em História Oral. In: Revista de História: São Paulo, num 14. p. 125-136, 1995

ANTUNES, R. Adeus ao Trabalho? - ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho". São Paulo: Cortês, 1995

ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho : ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. - 5. Ed. - São Paulo: Boitempo, 1999, 258 p.

ARAÚJO, Anísio José da Silva. Paradoxos da Modernização: Terceirização e Segurança dos Trabalhadores em uma Refinaria de Petróleo. Tese de Doutorado defendida na FIOCRUZ-Rio de Janeiro, 2001. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Firpo de Souza Porto

¹⁶ Alguns indicadores nos possibilitam afirmar sobre esta realidade em outros segmentos: profissionais do serviço público, setor bancário, das agro-indústrias, dos supermercados, Professores de Faculdades Privadas etc. Todos estes segmentos convivem com a realidade da Terceirização e/ou precarização de situações contratuais quando há a incorporação de novos segmentos com menos direitos sociais do trabalho. Isto reforça o corporativismo. Lembremos por exemplo a situação de contestação existente atualmente para a criação da Super-Receita. Esta nova Secretaria criada por Medida Provisória, pelo Governo Federal, tem por objetivo: unificar a Fiscalização da Receita Federal e do INSS, e conseqüentemente, seus trabalhadores. Os empregados da Receita Federal rejeitam à proposta de unificação, baseados em alguns argumentos, sendo forte, o de que a unificação com os Fiscais do INSS, trará perdas de direitos do trabalhos, pois, estes têm menos direitos trabalhistas do que os empregados da Receita

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

BAUMAN, Z. Amor líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro:Zahar, 2004. 192 p.

BERGER, P. Luckmann, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento Tradução de Floriano de Souza Fernandes 7. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. 247 p

BEYNON, Huw. O Fim da Classe operária inglesa? Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1995.

BIHR, Alain. Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise Tradução de Wanda Brant. 2.ed São Paulo: Boitempo, 1998. 287 p

Biografia Grandes Empresários - Henri Ford, parte integrante da Revista Isto é/Dinheiro

Boletins O Maçarico/ Siticcan - Números 69 Out/94; 82 Ago/95; 100 Nov/96; 102 Dez/96; 106 Mar 97; Boletins da Chapa Unificação s/d

BOURDIEU, P. Contrafogos – Táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, 151 p.

BOURDIEU, P. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ. R. Pierre Bourdieu – Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo : Ática, 1983, p. 46 – 81

BOURDIEU, P. O poder simbólico, Tradução de Fernando Tomaz, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989,. 302 p

BOURDIEU, P. Condição de classe e Posição de classe In: A Economia das Trocas Simbólicas. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987. Cap. 1 - p. 03-25.

BOURDIEU, Pierre et alli. A Miséria do Mundo, Petrópolis:Vozes, 1997. p. 693 –701

BRAVERMAN, H. Trabalho e Capital Monopolista : A Degradação do trabalho no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 379p.

BRUNI, José Carlos. Há uma Crise nas Ciências Sociais?. In: O Pensamento em Crise e as Artimanhas do Poder. Org. José Castilho M. Neto e Milton Lahuerta, 1998.

BUONFIGLIO, Maria Carmela. Trabalhadores Flexibilizados e Precários e Ação Sindical na Itália. In: Caderno CRH, v. 17, n.41 – Mai-Ago, 2004

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. A Escrita da História: Novas Perspectivas. São Paulo :Ed. Unesp, 1992, p. 7-37.

BUROWAY, M. A transformação dos regimes fabris no capitalismo avançado. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 13 / junho, 1990.

CARVALHO, Inaiá. Brasil: reestruturação produtiva e condições salariais. In. Caderno CRH. NUM. 35 jul/dez. 2001.

CASTELS, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário, 2ed. Rio de Janeiro :Vozes , 1998. 611 p

CONCEIÇÃO, Octávio, C. "Escola de Regulação Francesa." . In: CATTANI, Antonio David. 1997, (Org.). Dicionário Crítico Trabalho e Tecnologia - Vozes/ Editora da Universidade RS

COSTA, Emília Vioti da. Estrutura Versus Experiência - Novas tendências na História do Movimento operário e das classes trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o Que se ganha, BIB, Rio de janeiro, n.29 p. 3-16

COSTA, Fernando Braga da. Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004. 256 p.

DARNTON, Robert. Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na Rua Saint Severin. In: O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Cap. 2, p. 103-140.

DEDECCA, E. S. 1930: O Silêncio dos Vencidos. São Paulo:Brasiliense, 1981, v.1. p.240.

DRUCK, G. "Globalização, Reestruturação Produtiva e Movimento Sindical" In: Caderno CRH. NUM. 24/25, Salvador, CRH, EDUFBA,1996 , pp-21-40

_____. Terceirização: (des) fordizando a fábrica - um estudo do complexo Petroquímico. São Paulo: Boitempo, 1999. 271p.

DRUCK, G; BORGES, A. Crise Global, terceirização e a exclusão no mundo do trabalho In:Caderno CRH. NUM. 19, Salvador, 1993.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GODINHO, Luís Flávio Reis. A atuação do Siticcan frente à reestruturação produtiva: problemas e desafios, parte integrante do Relatório Pibic/CNPq 1997/98, 13 p.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

GODINHO, Luís Flávio Reis. Um Mosaico de classe – A Terceirização na RLAM. Dissertação de Mestrado FFCH-PPGCS-UFBA, junho de 2003. Sob Orientação da Prof.a Dr.a Graça Druck, PPGCS-UFBA, 186 p

GODINHO, L. F. R.; DRUCK, G. Um Mosaico de Classes: a terceirização e a pulverização dos Sindicatos. GT Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. Anais do 27. Encontro Anual da ANPOCS, 2003

GORZ, André. A crítica da divisão do Trabalho, São Paulo: Martins Fontes, 1989

GORZ. André. Adeus ao Proletariado: Para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. 203p.

GRAMSCI, Antonio. Americanismo e Fordismo. In: Maquiavel, a Política e o Estado Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

GUIMARAES, A. S.A. Um sonho de classe: Trabalhadores e Formação de classe na Bahia dos anos 80. São Paulo: Hucitec, 1998. 234p.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós Modernidade. Tradução Toma Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

HARVEY, D. A Condição Pós Moderna, São Paulo: Loyola, 1992.

HIRATA, Helena. Curso: " Centralidade do Trabalho, Qualificação e Gênero" realizado em no CRH, disponível em vídeo, 1999

HOBBSAWM, Eric. Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre a classe operária. Tradução de Waldéa Barcelos e Sandra Bedran, 2 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOBBSAWN, E., Era dos Extremos - O breve século XX - 1914 - 1991, SP, 1995.

LARANGEIRA, Sonia M. G. "fordismo e pós fordismo. In: CATTANI, Antonio David. 1997, (Org.). Dicionário Crítico Trabalho e Tecnologia - Vozes/ Editora da Universidade.

LIMA, Jacob Carlos. Trabalho Autogestionário em Cooperativas de Produção: o paradigma revisitado. In: RBCS, num. 56, 2004

LOPES LEITE, José S. O vapor do Diabo – o trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

LOPES LEITE, José S. A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés. São Paulo: Brasília: Marco Zero; Unb, 1988. 623p

MARCELINO, Paula. . A Logística da Terceirização. Mestrado em Sociologia- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Orientadora: Prof. Dr.Ricardo Antunes. 2002

MARX, K e ENGELS F. A Ideologia Alemã, vol. 1 Portugal/Brasil, Editorial e Livraria Presença, 1976.

_____ O Capital, volume I, Livro 1 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MATTOS, Wilson R. O Sonho da Autonomia Energética. In: Uma Luz na noite do Brasil: 50 anos de História da Refinaria Landulpho Alves. Org. Mattos et alli. Salvador:Solisluna, 2000, 272 p

MOTTA, Paulo Delayti. "Nem tudo que reluz é ouro: O Just. In Time e o mito da superação do Taylorismo, In: Caderno CRH. NUM. 24/25, Salvador, CRH, EDUFBA, pp. -69-108, 1997

NUNES, João. Dono de minh'alma - o exercício do poder disciplinar nas sociedades Modernas sob a ótica de Michel Foucault. Monografia de conclusão de Bacharelado em Ciências Sociais-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Orientadora: Prof.a Maria da Graça Druck de Faria. 1998

OFFE, Claus. Trabalho como categoria sociológica fundamental? Trabalho e Sociedade, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

OLIVEIRA, F. O elo perdido: classe e identidade de classe. São Paulo: Brasiliense, 1987. 134p.

ORTIZ, Renato. A Procura de uma Sociologia da Prática In: coleção Os Pensadores: BOURDIEU, Belo Horizonte, 1983.

PERROT, M. Os excluídos da historia: operários, mulheres e prisioneiros [seleção de textos e introdução de Stella Bresciani]; tradução, Denise Bottmann. 3. ed. -. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001 332 p.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro:FGV, num.3, 1989, I, Disponível em www.cpdoc.fgv.br/revista. Acesso dia 10-01-2006

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Val Del Chiana. In: Usos e Abusos da História Oral. Org. Marieta Ferreira e Janaina Amado, Rio de Janeiro: Ed. FGV: 1996,

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

POULANTZAS, Nicos. As classes sociais no capitalismo de hoje, Rio de Janeiro: Zahar, 1975, 368 p.

PRZERVORSKI, Adam. Capitalismo e Social Democracia. São Paulo: Companhia das letras, 1989

REIS, João J. A greve negra de 1857 na Bahia. Revista da USP, São Paulo, n. 18, p. 8-28, 1993

RIDENTI, Marcelo. Classes Sociais e Representação. São Paulo: Cortez, 1994. 111p.

SANTOS, João Bosco F. dos. O Averso da Maldição do Gênesis: a saga de quem não tem trabalho. São Paulo/Fortaleza: AnnaBlume,. Cap. 2 A construção de uma sociedade de desempregados p. 43-69. 2000

SENNETT , Richard. A corrosão do caráter – conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. A Escrita da História: Novas Perspectivas. 3. Reimpressão, São Paulo: UNESP, 1992, p. 39-62

SILVA, Paula Cristina da. Negros à Luz dos Fornos: representações do trabalho e da cor entre metalúrgicos baianos. São Paulo:Dinamys , Programa A Cor da Bahia, 1997, 151 p.

THOMPSON, E. P. Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase, Barcelona, Crítica, 1979

THOMPSON, E. P. A miséria da Teoria ou um Planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Louis Althusser. Tradução de Waltensir Dutra Rio de Janeiro; Zahar, 1981.

_____. A Formação da Classe Operária Inglesa: a árvore da liberdade. Tradução de Denise Bottmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 204p. Livro 1 1987

WATANABE, B.; 1993 "Toyotismo - Um novo padrão mundial de produção?" In: Caderno Metalúrgicos, nº. 1, Dez, pp. -1-11

WEBER, M. A ética protestante e o espírito do capitalismo, 5 ed. São Paulo, 1989

_____. Economia e Sociedade, capítulo sobre grupo de status, 1991.

ZILDOVICIUS, M.; 1993 "O Modelo Japonês no Ocidente". In: Caderno Metalúrgicos, n.º 1,Dez/, pp-16-18

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Outras Fontes:

Boletins O Maçarico/Siticcan - Números 69 Out/94; 82 Ago/95; 100 Nov/96; 102 Dez/96; 106 Mar 97; Boletins da Chapa Unificação s/d

Comunidade de Orkut “ Não sou crachá verde” Acesso no período de jan – ago. 2006, diariamente.

Convenções Coletivas De Trabalho do SITICCAN 1990 – 98
REVISTA ISTO É, 21/08/98, p. 75

Pesquisa de Emprego e Desemprego (Abril 98)¹⁷ realizada pelo Dieese/Setras/Seade/Ufba/Seade

Relatório de Pesquisa PIBIC/UFBA – A reestruturação produtiva e os sindicatos – um estudo da imprensa sindical – 1990-97. agosto de 1998

Relatório de Pesquisa Unitrabalho, 1998

Site da Petrobrás; www.petrobrás.com.br

Campanha Salarial 2000, realizada em parceria entre o Sindicato dos Químicos e Petroleiros e o Centro de Recursos Humanos (CRH/FFCH/UFBA), nos meses de outubro e novembro de 2000

¹⁷ - Última taxa divulgada pela equipe executora da pesquisa.